

# Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)

**ARMANDO ROCHA CRUZ**

Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9

TELEFONE 59 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOUCCRO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TEMAS DE CULTURA

## RUBENI E MALCO

FUGINDO da actualidade jornalística desportiva, ou política — outra espécie de desporto que não me interessa — entretenho-me a passear pela História vivendo séculos de há muito defuntos... E foi assim que, em

UM ARTIGO DE

**Dr. Francisco Fernandes Lopes**

contrando algures, por acaso, a notícia de que Baltazar Castiglione dedicara o seu livro famoso *Il Cortegiano* a um português, seu amigo em Roma, D. Miguel da Silva, que foi bispo de Viseu, me nasceu a curiosidade de saber quem seria este personagem de quem nunca ouvira falar... E assim também é que vim a ficar edificado, pela *História da Igreja em Portugal* de Fortunado de Almeida, sobre a nobilíssima figura deste ilustre português, vítima espantosa do ódio ferocíssimo do nosso rei Piedoso... Não se dissociava porém este episódio de trama complicadíssima da história do estabelecimento da Inquisição em Portugal que, à falta do livro — dizem-me que verrinoso, de Herculano, me vejo reduzido a seguir pelo do ponderado Fortunado aludido, ficando-me a impressão geral de uma das maiores vergonhas da catolicidade — não por se tratar da *Inquisição*, em lógica obra de disciplina religiosa, mas pela desfaçatez e torpeza dos processos empregados na luta da realza lusitana contra a supremacia natural do Pontificado respeitável... Verdadeiramente incrível! Vale a pena ler.

Procurando mais notícias sobre

## PRIMEIRO POSTAL DE MADRID

É DIFÍCIL encontrar a expressão própria para definir exactamente a nossa admiração pelo que

FOR **JÚLIO PADESGA**

está acontecendo em Espanha, nação de vincado valor em todos os campos de cultura e trabalho.

Surpreende o alto poder de recuperação e, ainda mais, a maneira simples como ele se vem verificando.



As eternas flores de Espanha

a vida e actos do referido D. Miguel da Silva e a razão da autêntica perseguição que o rei Piedoso lhe movia implacavelmente, julgo ter vindo parar à razão fundamental desse real desconcerto, vendo-a não no facto de ciúme de

(Conclui na 3.ª página)

## Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Retrato de Corpo Inteiro

Quando sorria, via-se-lhe o dente podre. Não pode conceber-se nada mais incómodo do que esse sorriso.

Remorsos

De uma crítica literária: «Mais um livro sobre Hiroshima... Que diabol, já era bem tempo de abandonarem o assunto, que já cansa!» Pois claro, meus senhores, acabemos com isso! Não falemos mais dos milhares de mortos de Hiroshima. Deixemos que as disserções do crítico não sofram qualquer perturbação!

...A propósito: o aviator que lançou a bomba fatídica sobre Hiroshima enlouqueceu, com

(Conclui na 2.ª página)

Na sua capital, urge grandiosa, de tradições brilhantes, sente-se o frémito do desejo de alcançar o sistema social que torne melhor a vida de cada um e, com esse fim a unidade procura outras unidades, reforçan-

(Conclui na 4.ª página)

## CONVERSANDO

Pelo nosso Redactor-Delegado em LISBOA — EMÍLIO VALONGO



CONSTATEI há dias, quando um amigo fez o favor de oferecer-me uma «boleia» de automóvel, que existe, normalmente, a preocupação floreada de um exibicionismo cretino a conduzir quando se vai acompanhado o que, lamentavelmente, conduz muitas das vezes ao encontro do espectro do acidente.

Eu não posso acreditar de forma alguma que uma simples companhia possa influenciar o condutor a lançar vertiginosamente numa correria desenfreada a já chamada máquina da morte que ceifa vidas diariamente nas ruas e estradas — pura e simplesmente porque esse condutor, como aliás tudo na vida, põe à prova a sua perícia de automobilista para deixar uma boa impressão no seu companheiro. Essa impressão sabe conduzir e melhor do que

são, se o companheiro igualmente qualquer outro tem capacidade mental para analisar tal exibição, cai no ridículo, e dá-nos a conhecer claramente a personalidade de quem conduz.

Por outro lado, há de facto um sem número de indivíduos que se esquecem das vezes que andam a pé como simples pedes; e é precisamente caminhando por o passeio de todos nós, que se nota a diferença enorme que vai do que conduz ao que utiliza as pernas como veículo.

E' caso, pois, para pudermos analisar com olhar parcial esta eterna questão do egoísmo e da

(Conclui na 3.ª página)

## EM PARIS INAUGURA-SE A EXPOSIÇÃO «MADE IN PORTUGAL»

A «Casa de Portugal» em Paris, inaugurou uma bela exposição de artigos de exportação do nosso país, que constituiu verdadeira sensação na capital parisiense.

Ao acto inaugural do certame, a que foi dado o título de «Made in Portugal», assistiu o embaixador português em Paris, dr. Leite de Faria e mais de 300 convidados que percorreram os vastos salões onde estavam dispostas as montras, as reproduções fotográficas e composições pictoriais dos vários sectores fabris da industria portuguesa.

Num meio elegante e moderno ficaram-se a conhecer melhor os vinhos do Porto e da Madeira, a excelência das conservas portuguesas, o artesanato, os bordados, a cerâmica, os mármore, as tapeçarias, o café — enfim, tudo o que Portugal produz e envia para além fronteiras, a representar o trabalho, os seus recursos naturais e o engenho do seu povo.

## Sempre que Lisboa canta...

A GENTE encanta quando Lisboa canta. Canta o fadista e diz-nos num lamento a guitarra a soluçar. Sómente Lisboa não canta: ela escuta, noite alta, na sua quietude senhoril, a voz do fado que D. Amália popularizou e que um dia o levou na bagagem para além fronteiras.

Talvez por isso mesmo esta nobre cidade abraça o Tejo e murmura-lhe baixinho: «Não corras agora; deixa-me ouvir o fado.» E o Tejo, sorri. Ele sabe que, desde o Castelo de S. Jorge até ao Marquez de Pombal, há o fado como atracção, que nasceu um dia distante nas vielas da Mouraria e hoje se instalou nos «bars» dos hotéis modernos — e mais do que nunca, desde que Paris ouviu cantar o fado, e aplaudiu esse mesmo fado canalha, teremos em breve uma única atracção turística: o fado.

E que lhe importa Lisboa que crónistas sem nome lhe ofendam o fado, o seu fado com cascas de



O Algarve, enorme jardim na orla Sul de Portugal, debruçado sobre o mar Atlântico, pátria de um povo alegre e vivo, pescador e marinheiro — tem um dos seus maiores encantos nas típicas e graciosas chaminés que se erguem sobre os telhados, por entre a folhagem das figueiras e amendoieiras, recortando o seu branco perfil de reminiscências mouriscas, no azul intenso do céu meridional.

## A TRAGÉDIA DO «NATÁLIA ROSA» E DE UM AVENTUREIRO DE OLHÃO

ESTÁ esclarecido o mistério do barco português «Natalia Rosa» encontrado pelo petroleiro holandês «Kalinga» a 120

milhas da costa sul do Brasil, conforme notícia revelada pela ANI, em telegrama de Amsterdão. É realmente um barco português do porto de Olhão e a sua viagem constitui arrojadada proeza náutica, ao mesmo tempo que encerra um drama de amor.

De tal modo é notável a audaciosa travessia do Atlântico que ultrapassa, em coragem e temeridade, o histórico feito de mestre Joaquim do Ó e dos seus companheiros que, há mais de uma centena de anos, num pequeno café, foram de Olhão ao Brasil levar a notícia a D. João VI de que da vila algarvia havia partido o grito da revolta, a que se seguiu a imediata expulsão das forças de

(Conclui na 4.ª página)



A capelinha da Senhora da Saúde, vista do Arco do Alegrete — duas relíquias sagradas da Velha Mouraria

## QUANTIDADES DE PESCARIAS EM 1958 E EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DA SARDINHA

A sardinha pescada pelos barcos portugueses, em 1958, pesou 139.860 toneladas, que foram valorizadas nas lotas, em 317.795 contos.

A pesca total das artes inscritis no Grémio dos Ar-

madores da Pesca da Sardinha subiu a 202.729 toneladas, no valor de 439.960 contos, figurando além da sardinha, 17.964 toneladas de carapau, 17.289 de chicharro, 12.610 de biqueirão,

(Conclui na 4.ª página)

## EXPORTAÇÃO DE FIGOS E ALFARROBAS

Segundo o Relatório do Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Horticolas do Algarve, agora distribuído, houve uma baixa de exportação para os mercados externos de figos comestíveis, de 1.125 toneladas, compensada porém, com excesso de 1.596 ton. em pasta.

Na exportação global de alfarrobas, houve um aumento de 5.419 toneladas a favor do ano que findou.

## COMPARTICIPAÇÕES

PARA O ALGARVE

À Câmara Municipal de Olhão, para a urbanização do bairro para pescadores da Fuzeta, reforço, 39.000\$00; à Junta Central das Casas dos Pescadores (Loulé), para a construção do Centro de Assistência Social, em Quarteira, reforço, 30.000\$00.

## UMA NOVA ROSA FRANCESA

«PORTUGAL PINK»

Num conjunto de 300 flores, obteve o mais alto prémio uma rosa de acentuado tom róseo, a que foi dado o nome de «Portugal Pink», a côr da moda para 1959.

Foi madrinha da nova rosa, a actriz francesa Danik Patissou.

1885 — 1959



**FINE MACIEIRA**

SIMBOLO DA MAIS ALTA QUALIDADE

Rua Ivens, 45-47 — LISBOA

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, regressou de Lisboa, o nosso estimado amigo e prezado assinante em Castro Marim, sr. António Cordeiro Marques da Costa.

Com pouca demora esteve nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. Jorge Manuel Medeiros.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. Major António dos Santos Gonçalves.

Vindo de Lisboa, onde esteve em tratamento, encontra-se já nesta localidade o nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel Fernandes Ribeiro.

Com pouco demora esteve nesta província, o secretário-geral da Casa do Algarve, em Lisboa, sr. Hermenegildo Neves Franco.

## Conta Gotas

(Conclusão da 1.ª página)

os remorsos. A esse, não foi possível esquecer...

### Piropo

O menino pequeno despresou o colo da mãe e quis vir para o meu. Que admiração! Eu ia de banda da janela — e lá fora havia o jogo das árvores que fugiam dos pastores que acenavam, das vacinhas de olhos ternos e calmos...

Supunha eu que era por isso. Afinal o menino deu em não retirar a sua atenção da minha cara, sem pertanear. E exclama por fim com a gravidade de quem fez uma descoberta valiosa.

— Os teus olhos são castanhos.

E depois de se fixar melhor: — Com umas pintinhas brancas.

Entendi. Eram as faulhas do dia incendiado pela velocidade do combóio. Entendi. E gostei do piropo.

### Ao menos

A criadinha. Dezassets anos. Uns olhos à Ribeiro de Pavia. Alentejana.

— Então, Rosária, está contente!

— Estou, sim senhora. Ao menos...

Hesitou. A procura, talvez, de expressão mais suave.

— Ao menos aqui, como todos os dias...

Maria Manuela Nunes

## FRVBS SELECIONADAS

(PARA SEMENTE)

FAÇAM AS SUAS

OFERTAS PARA

MERCADORIA

POSTA S/ CAMI-

NETE EM LISBOA,

A

V. Moreno & Helder, Lda.

XABREGAS — LISBOA

APARTADO 2367

LISBOA

# Amândio César fala...

(OU OS FALA-BARATO DE CAFÉ)

ALGUÉM, decerto por ironia, classificou «Literatura pelo Caminho» de «o melhor volume de ensaios sobre literatura brasileira, de autor português, aparecido em 1958» (os sublinhados são meus), e a coisa, como ironia, está certa. Na verdade, «Literatura pelo Caminho» é apenas uma colectânea de artigos de divulgação, artigos feitos à base de citações, artigos bastante cábulas. E, isto não foi dito por alguns críticos, porque nem eles nem Amândio César estão habilitados a falar de Literatura Brasileira. Quanto a Amândio César, nada disse; quantos aos críticos que o incensaram, andaram todos à volta do livro «Literatura pelo Caminho», isto é andarem à volta de vagas considerações de Amândio César, ou à volta do nome de alguns autores que Amândio César citava, muito conhecidos... de nome, e que o próprio Amândio César não soube penetrar, não mostrou realmente conhecer.

Os primeiros livros de Amândio César são muito maus: são muito maus, livros como «Vaga Alta», «Subsolo», «Relógio de Sol», «Seiva», «A terra onde um homem vive», «Saúde da Pedra», apenas se salvando, por aspectos parcelares, «Natal» (muito traduzido por amigos), apenas quase se salvando «Batuque de Guerra», se não tivéssemos melhor, entre nós, para não «falar do que já havia lá fora. Mas nós não vamos agora dizer apenas que Amândio César nos tem dado uns livros muito maus. Assim, provando que os versos de Amândio César são muito maus, citamos para já os seguintes:

a) de «As margens da memória», em que metrificava assim a quadra de um pretense soneto: — «Havia nele, exactamente, sete cores, / Os sete braços do candelabro sagrado, / Que os tempos, para sempre, não ocultado / No seio das sete mais tremendas dores!», — em que metrificava, dizia, sem métrica, nem ritmo (A propósito do ritmo de Amândio César veja-se também o que diz em «Diário Popular» David Mourão Ferreira a propósito de «As margens da memória»).

b) de «Saúde de Pedra», em que metrificava assim aquadra de um pretense soneto: — «Seja para os outros o amor e a glória / E tudo quanto mais houver de fama / Pois só conheço a minha mesa a

minha cama, / Onde como e souro a minha vitória!», em que metrificava, repito, sem métrica nem ritmo. Citamos, agora, uma passagem de Franca Nogueira, articulista nem sempre lúcido, como crítico, mas aqui acertando, que diz, a propósito de Amândio César, que a sua forma é «um pouco esquemática e por vezes dura e forçada», e remetemos o leitor para a «valorização imediata» de livro, em jornal, de David Mourão Ferreira, no jornal e recensão citados.

Nas curtas linhas de um artigo, não poderemos provar, passo a passo a falta de ritmo de Amândio César e o seu prosaísmo patente. Não vamos chamar, passo a passo, os seus ensaios e conferências à base da citação, por exemplo «Tasso da Silveira», «José Geraldo Vieira» e «Literatura pelo Caminho». Não vamos citar a incapacidade de Amândio César quanto a uma transposição da realidade, e não bastaria, para provar o contrário, a simbologia modernizante de um «Natal». Mas não queremos deixar de citar a falta de um critério nas críticas de Amândio César, «críticas» de circunstância, e citamos também a sua falta de objectividade, no caso, entre dezenas, da sua pseudo-crítica a «O Homem disfarçado» de Fernando Namora, em que critica um livro pelas palavras contidas nas orelhas, quanto é certo que não o poderia fazer, não poderia atirar essa pedra Amândio César, que, em «As margens da memória» permite que insiram um encómio a esse seu mesmo livro.

Amândio César um crítico? — Nem um crítico, nem um auto-crítico. Um contista? — Veja-se «Um namoro e três tostões», veja-se «A terra onde um homem vive», aliás superior àquele livro.

Um dia alguém me definiu Amândio César como um jornalista como escritor e um mau escritor como jornalista: o que, me parece, quer dizer que nunca se soube pensar. Mas era bom que Amândio César se procurasse, antes de pensar sobre as outras coisas. Porque uma crítica, um ensaio, um conto, não são coisas de intervalos de cerveja, não são falas-baratadas de café. O café onde se é grande, onde se dá barraca, onde há incensadores e ignorantes que escutam, ou bons «vibrantes» que aproveitam para gozo, à falta, ou em substituição do «Tó-tó», do «Cantinflias» ou dos «O mundo ri».

E, por ora, tenho dito. Um dia voltarei ao assunto, continuaremos a conversar.

Évora, 6 de Junho de 1959.

Agostinho Fernandes

## Herniados

«BRAUBURGER» é a CINTA ALEMÁ que contém radicalmente todas as HERNIAS, «BRAUBURGER» é garantida com assistência técnica gratuita pelo INSTITUTO HERNIÁRIO PORTUGUÊS. Largo do Mastro, 29 Lisboa Telefone 5 39 54

## Surdos

Novos Modelos de aparelhos novos modelos de ÓCULOS para ouvir, novos preços ao alcance de todos. Na defesa dos vossos interesses consultem o INSTITUTO HERNIÁRIO PORTUGUÊS Largo do Mastro, 29 — LISBOA

## OFERECE-SE

Viajante, para mercearias ou vinhos com conhecimento dos mesmos, e com carta profissional de pesados e ligeiros.

Quem pretender dirija-se a: Antonio Mestre Gomes Alras — ALMODOVAR

## CASA DE PASTO

DE

## GAVINO RODRIGUES

Serve Pequenos Almoços — ALMOÇOS — JANTARES — LANCHES VARIADOS

REFRIGERANTES FRESCOS

Aberto até 1 hora da noite

Rua Candido dos Reis, 83 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Jogos de segmentos com lâmina e mola

## «DEVES»

(ORIGEM SUEGA)

Os segmentos c/ mola «DEVES» são a garantia de maior rendimento para o vosso Automóvel, Camioneta ou Tractor. Com «DEVES» ficareis certos de um trabalho de motor digno de

CONFIANÇA

ECONOMIA

E PODER

O que significa escudos poupados e mais milhares de quilómetros de trabalho sem preocupações.

Representante para Portugal Continental, Insular e Ultramarino

F. Pereira (Herdeiros), Lda.

Rua da Conceição da Glória, 22-24 — LISBOA — Telef. 29763-0127



## PROVINCIA

### ARMAÇÃO DE PERA

Nas poucas horas que nos foi dado permanecer nesta encantadora praia, foi-nos grato registar a já imensa assistência, tanto na praia, como no seu admirável Casino. Trabalha-se afeitosamente para que mais, e mais se consiga em prol dos que nos visitam, sabendo-se que já poucas moradias restam

### NÃO HAVIA NECESSIDADE DE EXPLICAR...

COM a passagem de mais um aniversário do «Notícias do Algarve» quisemos brindar os nossos leitores com um número especial como, aliás, já vem sendo hábito de há 7 anos para cá. Pensando bem e analisando melhor, chegámos à conclusão que, nestas edições especiais e cuja tiragem nos obriga a um mais minucioso trabalho, há dois prejudicados: o leitor e o anunciante. Faz-se uma edição pejada de publicidade e roubar, a prosa, ao leitor e baralhar a publicidade ao longo de uma dúzia de páginas que a ninguém dá lucro. Daí resolvemos, a título de experiência, dividir essa mesma edição em dois números; brindando os nossos Leitores com mais e variada prosa e creditando ainda mais os anunciantes presentes nestes dois números do «Notícias do Algarve».

Talvez não houvesse necessidade de explicar tal alteração, salvo o respeito que todos nos devem, mas julgámos oportuno informar os que assim não compreenderam, até porque haviam de supor que este menino, ao entrar no sétimo ano de vida, tinha já as pernas enfraquecidas e tortas...

Aproveitamos ainda a oportunidade para agradecer a prestigiosa colaboração que todos os nossos Amigos nos dispensaram, ilustrando estas páginas do nosso jornal com a sua prosa valorosa e, desta tribuna humilde mas sincera, saudamos com reconhecimento os anunciantes que responderam presente à nossa chamada.

A todos um obrigado — e pena temos de não nos ser possível corresponder como seria o nosso desejo.

E. V.

## Jogos Florais

### DA PRIMAVERA

NO CLUBE RECREATIVO LUSITANO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Com grande brilho, tiveram lugar os «Jogos Florais da Primavera» no Clube Recreativo Lusitano, de Vila Real de Santo António. Os poetas classificados foram os seguintes:

SONETO — 1.º — D. Lídia Correia Serras Pereira, de Alge; 1.ª menção: José Rodrigues Canedo, do Porto; 2.ª menção: D. Maria Emília Peres Maia, de Lisboa; 3.ª menção: Mário Vidal Pólvora, de Peniche.

POESIA LÍRICA — 1.º prémio — Eduardo Godinho Monteiro, de Lisboa; 1.ª e 2.ª menções: Morais Lopes, de Portimão; 3.ª menção: Dr. Camilo Rebelo Gomes, de Lisboa.

POESIA OBRIGADA A MOTE — 1.º prémio: — Sérgio Araújo, Lisboa; 1.ª menção: Vivaldo Beldade, de Faro; 2.ª menção: D. Lídia Correia Serras Pereira; 3.ª menção: José Rodrigues Canedo.

POESIA ALUSIVA AO ALGARVE — 1.º prémio — D. Lídia Correia Serras Pereira; 1.ª menção: Morais Lopes, de Portimão; 2.ª menção: D. Maria da Conceição Ramires Santos, de Olhão; 3.ª menção: Francisco do Carmo Costa, de Lisboa.

QUADRA — 1.º prémio — Lídia Correia Serras Pereira, de Alge; 1.ª menção: Carlos Conde, de Lisboa; 2.ª menção: José Rodrigues Canedo, do Porto; 3.ª menção: Alvaro Manuel Soares Guerra, de Lisboa; 4.ª menção: Dr. Benjamim Pereira d'Amaral Netto, da Chamusca; 5.ª menção: Carlos Conde, Lisboa e 6.ª menção: D. Maria Graciete C. M. dos Santos, de Faro.

## SOLDADURA

Máquinas de soldar «RESIL» de 150 e 180 A, 220/380 V. de sistema estático e regulação suave.

Rua de Páscoa, 58-LISBOA  
Telefone: — 681729

## AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 11 a 17 de junho

### TRAINEIRAS

|                              |             |
|------------------------------|-------------|
| Refrega . . . . .            | 129.000\$00 |
| Vulcão . . . . .             | 79.400\$00  |
| Triunfante . . . . .         | 33.950\$00  |
| Liberta . . . . .            | 16.870\$00  |
| Infante . . . . .            | 14.400\$00  |
| Flor do Sul . . . . .        | 14.135\$00  |
| Flor do Guadiana . . . . .   | 9.500\$00   |
| Tozé . . . . .               | 7.580\$00   |
| Leste . . . . .              | 6.400\$00   |
| Raulito . . . . .            | 6.300\$00   |
| Pérola do Guadiana . . . . . | 6.070\$00   |
| Salvadora . . . . .          | 6.050\$00   |
| Amazona . . . . .            | 5.846\$00   |
| Maria Rosa . . . . .         | 4.520\$00   |
| Fernando Carlos . . . . .    | 4.372\$00   |
| Janita . . . . .             | 2.815\$00   |
| Noroeste . . . . .           | 2.590\$00   |
| Audaz . . . . .              | 1.850\$00   |
| Senhora da Saúde . . . . .   | 1.100\$00   |
| Alvarito . . . . .           | 1.060\$00   |
| Agadão . . . . .             | 1.000\$00   |
| Total . . . . .              | 364.808\$00 |

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 12 a 18 de Maio

### Entrados:

JANDILLA, Marroquino, de 31 ton., de Larache, com atum fresco. TRÊS CEPAS, Marroquino, de 45 ton., de Larache, com atum fresco. JOLOT, Marroquino, de 119 ton., de Larache, com atum fresco. MADEIRENSE, Português, de 497 ton., de Lisboa, com carga em trânsito. MARQUEZ DE LA VIESCA, Espanhol, de 110 ton., de Kenitra, com atum fresco. EMBLEMA, Espanhol, de 69 ton., de Tangér, com atum fresco. CALA NOVA, Espanhol, de 388 ton., de Lisboa, com carga em trânsito. LAUPEN, Suíço, de 468 ton., de Leixões, com carga em trânsito. MIRA TERRA, de 562 ton., e MARIA CRISTINA, de 549 ton., ambos Portugueses, de Lisboa, vazios.

### Saidos:

JANDILLA, para Larache, vazio. MIRA TERRA, com minério, para Lisboa. JOLOT e TRÊS CEPAS, ambos para Larache, vazios. MADEIRENSE, com sal, para o Funchal. MARQUEZ DE LA VIESCA e EMBLEMA, para Tangér, vazios. CALA NOVA, com conservas para Marselha e Savona, cortiça, para Génova e folha ilustrada para Ceuta. LAUPEN, com conservas, para Génova. MIRA TERRA, com minério, para Lisboa.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 20 a 26 de Junho a Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda — Telefone 64.

## CARRO-BÉBÉ

### VENDE-SE

Em estado de novo. Tratar na Rua Camilo Castelo Branco, 41-r/c. Nesta Vila

## VESPA VENDE-SE

Nesta Redacção se informa

### «NOTÍCIAS DO ALGARVE»

#### VENDE-SE

na FIGUEIRA DA FOZ:  
Tabacaria Pessoa

## motores marítimos diesel



## MERCEDES-BENZ

ENTREGAS IMEDIATAS OU MUITO RÁPIDAS PARA OS MODELOS:

|                  |                         |
|------------------|-------------------------|
| OM 636 . . . . . | 34 H.P. — 2.000 R.P.M.  |
| 202 B . . . . .  | 55 H.P. — 1.200 R.P.M.  |
| 203 B . . . . .  | 90 H.P. — 1.200 R.P.M.  |
| 204 B . . . . .  | 120 H.P. — 1.200 R.P.M. |
| MB 846 . . . . . | 225 H.P. — 1.500 R.P.M. |

REPRESENTANTES C. SANTOS Lda. LISBOA — COIMBRA — PORTO VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# Rubeni e Malco A verdadeira missão da Mulher Conversando

(Conclusão da 1.ª página)

D. João III quanto a ter o Papa Paulo III elevado ao cardinalato o referido D. Miguel, de quem era amigo e a quem reconhecia as mais elevadas virtudes, mas no facto de ter havido deficiências no processo de dispensa de parentesco entre D. Manuel e a mulher que fora mãe de D. João III, facto que o bem informado D. Miguel conhecia e confidenciava ao seu íntimo amigo Francisco de Borja, e que bem poderia comprometer a legitimidade da herança da coroa na sua descendência, e isto em favor da culta infanta D. Maria, filha da 3.ª mulher de D. Manuel. É uma hipótese que me não consta ter sido ainda tomada em consideração...

Deixando-a por ora de lado, venho a procurar o rasto de D. Miguel na *História Universal* do meu saudoso amigo Dr. Macedo Mendes, obra considerável e de substancial valor. E aí, seguindo a minúcia com que utilmente trata a complicada trama da aludida vergonha, outras novidades, absolutas para a minha ignorância, vejo surgirem das páginas desse respeitável volume XI: duas figuras judaicas ou neo-cristãs de tempera e missão mosaicas: um enigmático *David Rubeni* e um seu discípulo o português Diogo Pires pseudonimizado em *Salomão Malco* para toda a Europa por onde peregrinou.

Continuando agora a buscar informes sobre estes dois figuras que haveriam tentado seriamente converter o próprio Papa, D. João III e Carlos V à nova doutrina (!), recordo-me da lucida *História dos Cristãos Novos Portugueses* do consciencioso Lucio de Azevedo (que desde 1922 aqui tenho entre os meus 7 milhares domésticos). E não foi em vão, naturalmente. Para chamar a atenção de quem se interesse por esta curiosidade recortarei deste livro os tópicos indispensáveis sobre o espantoso acontecimento.

No ambiente meio-pagão da Renascença, a Cabala tomara particular sedução... E daí o maior apreço das classes ilustradas dos vários países da Europa pela raça judaica, e para esta a consciência mais viva do seu valor. Assim a Portugal, embora afastado dos centros intelectuais da Renascença onde o movimento se produzia, chegou como que uma vibração distante, que sacudiu o povo de Israel, ignorando do que o motivava. Em Lisboa aparece então um aventureiro singular, impostor e visionário, vindo de Roma, da Núbia e do remoto Oriente, não se sabe bem de onde, pequeno corpo, escuro de face, minguado de carnes pelos jejuns, David Rubeni de nome, que se dizia enviado do monarca de uma nação judaica da Arabia, descendente da tribo de Rubem, para solicitar do Papa e dos soberanos católicos, artilharia e mais armamentos para trezentos mil guerreiros, a fim de expulsar os Turcos da Palestina. Segundo a lenda, Clemente VII recebeu-o com pompa, e o recomendou a D. João III, pensando, com o auxílio de Portugal, organizar uma cruzada. Se, como do silêncio dos cronistas se colige, David Rubeni não foi buscar o Rei, precedido de um estandarte em que iam bordados os dez mandamentos, nem foi em Almeirim, onde estava a corte, recebido em audiência, (o que referem os escritores hebreus), é certo que a presença dele produziu grande alvoroço entre os cristãos-novos de Espanha e Portugal, por efeito das predicas, em que anunciava a restauração próxima do reino de Judá e a vinda do Messias. Para muitos, mesmo, era ele o próprio prometido.

Com essas predicas ninguém tanto se exaltou como um manco, chamado Diogo Pires, escrivão da Casa da Suplicação, que ceceoso de não alcançar as boas graças do profeta, tão inteiramente como desejava, por lhe faltar o sinal físico do judaísmo, a si próprio se circuncidou. Posto de cama pela grave operação feita por mão inesperante, representava-se-lhe em sonhos ver o céu e ouvir de vozes divinas a confirmação das crenças e esperanças em que vivia agora unicamente embebido. Quando convalesceu, por inspiração que também teve, fugiu de Portugal e dirigiu-se à Turquia, adoptando então o nome de *Salomão Malco*, pelo qual ficou conhecido no judaísmo. Desde esse instante desaparece o halo do maravilhoso de David Rubeni, e passa ao iluminado português. Em pouco tempo a fama de um novo profeta se espalha no império, e traz a escutarem-lhe o verbo inflamado turbas de cor-religionários, sequiosos de terem da boca dele a data certa da chegada do Messias que anunciava. Em 1551 Diogo Pires encontra-se em Roma, onde, como o seu precursor David Rubeni, logra também as graças de Clemente VII.

Com a sua eloquência e o saber da arte da Cabala, adquirido no Oriente, seduz o Pontífice, e o cristão de ontem—tanto lhe atribuem os seus entusiastas—procura converter à lei mosaica o próprio chefe do catolicismo. Ao mesmo tempo faz predições. Anuncia uma grande inundação, que se realiza, e o tremor de terra de 1551 em Portugal. Pelo menos assim o refere a lenda que lhe diz respeito. Como era de esperar não lhe faltaram, entre os da sua fé, invejosos e detractores. Os hebreus ortodoxos detestavam-no como ímpio e movendo poderosos amigos, fizeram intervir contra ele o Santo Ofício. O profeta foi preso e condenado ao fogo. Salvou-se, ao que contam, por um ardid do Papa, que se não ofendera com a tentativa de conversão e lhe fez substituir na hora do suplício, outro condenado, ou talvez, como pretenderam alguns crentes, por um prodígio divino. Como quer que seja, Salomão Malco, fugindo de Roma, dirigiu-se por Bolonha e Mantua e Ratisbona onde estava a corte do Imperador, e tentou também converter a Carlos V. David Rubeni acompanhava-o. Aí terminou a carreira do impostor e a do visionário. Acusados de heresia e levados na comitiva do soberano para Mantua, o português foi condenado à pena de fogueira, que se cumpriu, tendo ele rejeitado a vida que lhe ofereciam a troco de regressar à fé católica. O companheiro passou dali para os cárceres da Inquisição em Espanha.

«Diogo Pires sucumbiu inaces-sível às dores, e abortiu no sono magnífico da redempção da sua raça, em que tentara, por meio da conversão envolver os dois super-homens da Cristandade, o Papa e o Imperador. Há quem pretenda que também Francisco I de França. Realidade? Invenção de espíritos ardentes? Não se saberá nunca, porventura; mas a vida de Salomão Malco, verdadeira ou meramente lenda, ficará para sempre na História como síntese das aspirações, do ousado esforço da ânsia de viver de uma nacionalidade que pulverizada e dispersa, consegue ainda manter-se pela tenacidade da sua crença.»

Olhão, 4 de Junho de 1959

Francisco Fernandes Lopes

**EXCELSIOR**  
As melhores tintas para navios de pesca e comércio



**TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL**

Depositário nesta Vila:  
**MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República  
— Telefone 12 —

**Fogos de Artificio**

Os mais vistosos fogos para queimar na mão, em salas, janelas e jardins, de grandioso efeito e inofensivos para festejos populares, verbenas, festivais nocturnos, etc.

Aerostatos, Balões Venezianos, Bandeiras e Grinaldas para Ornamentação — Foguetes e todos os fogos de artificio próprios para todas as festas e arraiais, verbenas, recepções, etc.

Catálogos grátis, com preços especiais para Revendedores. Dirijam pedidos à Casa Especializada nestes artigos:

**ANTÓNIO TORRÃO**  
Telefone 22504 COVILHÃ

**LÃS PARA TRICOT**

**A CASA QUE MAIOR SORTIDO APRESENTA**

Qualidades Estrangeiras — Lindas Cores

Só visto! Peçam Amostras

Rua Augusta, 240 - 2.º Dt.º — LISBOA

**PARA** que a actual desmoralização da juventude, que tantos clamores levanta, não continue no futuro, vejo apenas remédio no escol de boas mães que ainda existem espalhadas por esse mundo.

É uma boa tarefa ingrata, gigantesca até, se atendermos a quanto é diminuto esse escol. No entanto devemos ter esperança lembrando-nos de que um só bom grão de trigo pode dar origem a grande e valiosa seara...

As mães que sabem educar os seus filhos, fazendo-se respeitar e amar por eles, acompanha-os e ampara-os pela vida fora, mesmo até quando elas já não existem, e em cada filha terão uma continuadora dos benéficos processos.

Embora só a educação recebia desde o berço seja verdadeiramente eficaz, não podemos deixar de reconhecer haver quem, possuindo boas inclinações, beneficiou com o ensino escolar e o meio em que vive se forem dignos e salutarres, ou neles encontrarem apóstolos do bem, que muito de proveitosos podem fazer e fazem nos espíritos bem intencionados. Contudo não posso deixar de classificar de verdadeira cegueira a tendência que ma-

## DESPERTAR SPORTING CLUBE

Fundado em 1920

### BEJA

Ex.º Senhor Gerente da Pensão Mateus Vila Real de Santo António

Ex.º Senhor

Pelas informações recebidas, não só dos jogadores como também do nosso Delegado ao jogo em Vila Real de Santo António, não pode a Direcção do «DESPERTAR» ficar indiferente a maneira gentil e tão cavalheiresca, como os nossos atletas foram tratados na modelar Pensão que V. Ex.ª é mui Digno Gerente.

Práticos como somos, nas muitas deslocações deste género, aprós-nos registar, com sincero jubilo, a forma familiar como essa progressiva Pensão, sabe receber embaixadas desta natureza, atitude que só dignifica a localidade onde existam.

Apresentamos a V. Ex.ª os nossos agradecimentos e oferecemos nesta cidade, todo o modesto préstimo que lhes possa ser util.

Subscrevemo-nos com muita consideração.

Atenciosamente

Beja e Secretaria do «DESPERTAR S. CLUBE», 28 de Novembro de 1951.

Francisco da Cruz Martins

nifestam os mais responsáveis, em atribuir a educação fora do lar a importância que na realidade, não tem.

Não é possível fazer de uma boa estudante uma boa mãe no futuro, se ela não tiver em casa bons exemplos e conselhos que a orientem nesse sentido, não tendo nas escolas que frequentam, aulas inteiramente dedicadas a fazer-lhe compreender, com toda a necessária insistência, as futuras responsabilidades que lhes cabem na boa ou má formação moral da sociedade.

A sementeira de ideias tendentes a libertar as crianças da tutela dos pais, quando ainda não podem saber o que lhes convém, dando expansão ilimitada a todas as inclinações e sentimentos desordenados, já deu bem amargos frutos para que se não procure, por todos os meios, pôr-lhe termo.

É escusado acentuar a diferença na responsabilidade que cabe ao pai e à mãe na formação moral aos filhos.

As mães, que não são desviadas das suas naturais atribuições e vivem em permanente contacto com eles, a cada momento vão gravando na alma infantil, cheia de curiosidade, aberta a todas as emoções (devido à malabilidade existente em tudo que a vida ainda não endureceu) o que nela há-de perdurar por toda a vida. Mesmo as boas noções que mais tarde forem adquiridas, não de sempre claudicar se não tiverem por base as que deviam ter sido gravadas na alma desde a infância.

Quando estas verdades forem, como devem ser, reconhecidas por todas as mães, haverá menos mulheres que troquem o despenho da altíssima e honrosa missão que lhes foi destinada por empregos e tapelas fora do lar, onde a sua acção, em confronto com a dos homens, passa quase despercebida...

Eu sei que há mães a quem as circunstâncias obrigam a sair de casa em busca de recursos para viver, mas numa sociedade moralmente bem formada e, consequentemente, bem organizada, essa necessidade não existiria... A mãe que cria e educa os seus filhos pequenos, tem o dever, e devia ter o direito, de não os abandonar a estranhos

A maior parte, porém, das que trabalham fora do lar, tendo filhos pequenos, fazem-no por ser muito mais fácil de dar conta de qualquer trabalho numa repartição, ou noutro qualquer lugar, do que cumprir os seus deveres de mães e de donas de casa. Além disso não é possível à boa mãe e dona de casa andar sempre impecavelmente vestida e pintada... coisas que muitas não prescindem por lhes afagarem vaidade, mas nada significam de nobreza e elevação de espírito e sentimentos.

Não nos iludimos pois com certas lástimas e alardes de sacrifícios que apenas encobrem muito egoísmo, inconsciência e falta de brio, tanto da parte de algumas mulheres como de alguns homens...

É verdade que também há mães que, seu trabalharem fora de casa, entregam os seus filhos a estranhos sem sequer se preocuparem em arranjar para isso qual-

quer desculpa aceitável... ou não. Como merecem ser classificadas?

O mundo seria bem diferente, incomparavelmente melhor se ao lado de cada berço, de cada alma em formação permanecesse uma boa mãe consciente e dedicada! Só elas podiam elevar o nível moral da sociedade e tornar benéfico todo o saber que mais escolas mais univercidades possam ministrar.

É mais que tempo de se reconhecer a extraordinária força da Mulher, tanto para o mal como para o bem.

O homem que invente, que descubra, que lute em todos os campos e ajude a Mulher a instruir-se, sobretudo no que é essencial que ela saiba. Ampare-a moral e materialmente de modo a ela poder fazer dos seus filhos, que tanto pertence a um como ao outro, homens e mulheres de carácter, bem intencionados, leais, honestos e bons.

É esta a verdadeira missão da Mulher.

Tudo o que se fizer para suprir a falta de boas mães, são paliativos que não evitarão que a dolorosa e imensa chaga que aflige o mundo continue a gravar-se e a alastrar cada vez mais.

Lembremo-nos de que atrás de cada desposta, criminoso, egoísta, revoltado e mal educado está, quase sempre, uma mãe que o não soube ser.

Ana Rolão Preto M. Abano

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

(Conclusão da 1.ª página)

má educação que caracterizam os automobilistas de hoje que correm céleres por essas ruas e estradas espalhando o terror, porque conduzem, porque têm um acelerador sob o pé, um volante sob as mãos e uma estrada recta e convidativa a velocidades. Eles não olham para o retrovisor de ontem quando caminhavam a pé sobre o passeio ou na estrada; quando pararam para olhar um bólido que passou e intimamente o criticaram. Não. Quando eles próprios conduzem, a máquina obceca-os, domina-os totalmente, e perdem até a vontade de pensar nesse ontem em que figuraram como simples e desocupados peões.

Que hoje em dia se modifica o trabalhar de um motor para que se obtenha maior barulho, é inegável. Todo o automobilista vaidoso e caprichoso prima em fazer barulho, porque quando passa deixa meia dúzia de basbaques parados e de boca aberta. E é isso que convém, sómente porque desse modo a sua passagem ficará bem assinalada — e geralmente no dia seguinte perguntam-lhe o que ele gosta de responder: «É um modelo especial; veio directamente da Itália!».

Tudo isto sempre foi e será assim desde que alguns mortais pensaram em igualar o condutor de um Fângio ou os seus mais íntimos os apelidaram como tal. Pena é, e aqui o deixamos bem expresso, que não se consigam pistas especiais para tais condutores, porque evitar-se-ia aquela trágica lista negra que encabeça diariamente as colunas dos matutinos e que nos obriga a pensar ao que conduzem as grandes e inconscientes velocidades.

Mas nem sempre é possível evitar a vaidade e a fantasia excessivas de cada um, nem conseguir tapar-lhes a boca com mãos ambas para não ouvirmos esses graus talvez não gramaticais do «meu anda mais» ou ainda «o meu carro é melhor»... porque tudo isto, analisado como peão que me considero — é paisagem!

Emílio Valongo

Assinala e propaga "Notícias do Algarve"

## Limpa com Vim ...

é um espelho!



É um gosto limpar os esmaltes com Vim!

Ficam perfeitos — tão limpos! Tão brilhantes! E com Vim é um instante — um pouco de Vim num pano húmido, esfrega-se e... pronto! Tudo fica cintilando de asseio, perfeitamente desengordurado, impecável e brilhante! Alumínios, azulejos, o fogão, o lava-loiça e o lavatório brilham como novos! O fino pó Vim resolve todas as limpezas difíceis!

**Vim** limpa e faz brilhar tudo no seu lar

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA.-SACAVEM 59-V.M.-04

IX

**C**ALDAS da Rainha e Figueira da Foz são duas localidades situadas no centro do nosso País. A situação geográfica concede-lhes manifestas vantagens sobre outras terras portuguesas. As termas das Caldas e as praias da Figueira são muito visitadas por nacionais e estrangeiros, graças à natureza da sua geografia, aos meios de transporte e a uma cuidada e eficiente orientação hoteleira.

O Algarve, porém, luta com esta falta de elementos naturais e artificiais. Luta também com falta de pessoal habilitado a servir gente educada, particularmente senhoras e crianças.

Entra-se por exemplo, em uma pastelaria de Lisboa, Sintra ou Caldas da Rainha e logo as empregadas, com respeito e delicadeza, atendem os clientes solícitamente.

E, a qualquer informação pedida, fornecem as necessárias indicações para os clientes saírem bem dispostos. No Algarve, infelizmente, raras vezes se procede desta maneira inteligente e cativante.

O clima do Algarve rivaliza com o da Ilha da Madeira, mas os hotéis, pensões e cafés ficam a perder de vista. E as causas? Venho-as apontando com a suavidade e lentidão, com espírito conciliador e orientador, com esta teimosa simpatia que me prende à terra-mãe.

Voltei a falar nas Caldas da Rainha para descrever um episódio que presenciei na minha primeira visita.

Contava então dez anos de idade e estava em casa do meu tio José Tavela, comerciante em S. Martinho do Porto.

Esse tio permaneceu longos anos no Brasil e de lá regressou com um sofrível pé de meia...

Acclimatado aos usos do Brasil, à linguagem, aos defeitos e virtudes, mantinha igualmente o seu paladar pelos pratos de carne seca, feijão preto e goiabada. Da sua terra natal, Olhão, unicamente retinha na memória e no apetite o clássico prato de couve verde, nabos, batatas, morcela e carne de vaca.

Deste manjar olhanense, pesado e sólido, nunca se esqueceu o algarvio de rija tempera.

Uma vez por semana—todos os sábados—lá iam os três a caminho das Caldas comprar dois quilos de carne de vaca para dois abundantes jantares do tio José, da tia Ricarda e deste endiabrado sobrinho. Os restos, como é fácil calcular, comiam a criada, o criado e o gato maltês...

Os três que, semanalmente, visitavam as Caldas da Rainha, eram estes: eu, o criado Manuel e o burro. Eu ia e vinha a cavalo, o criado a pé e o burro carregado de hortaliça, carne e fruta para a semana. O burro, aborrecido, avançava de manhã de olhos fechados. Tive ocasião de constatar este dito de Brito Camacho: *Só os burros é que não mudam de opinião*. Ainda bem que o ironista Camacho fez esse estudo psicológico dos burros e de alguns políticos...

Entrei na primeira rua das Caldas e o Manuel que a conhecia já a palmos, disse-me em tom amigável: «E' aqui que o nosso burro fica hospedado»... Pátio amplo, ligeado e varrido. Soltei um grito agudo e prolongado. O Manuel, atônito, correu para mim e perguntou-me:

—Que foi isso, dor ou medo?  
—Olha aquele homem com uma corda ao pescoço!

O criado compreendeu o meu grito e deu, para fora, o sinal de alarme. Em menos de cinco minutos a estalagem estava cheia de gente.

Todos comentavam a tragédia, mas ninguém se resolvia acudir ao desgraçado que se debatia nas garras da morte. A língua pendia-lhe da boca, os olhos semicerrados e o rosto congestionado, enfim um quadro de pavor e desgraça!

Um moço novo, franzino e ágil, é que tomou a resolução de socorrer o pobre homem...

Saltou para cima de um caixote e, de navalha em punho, cortou a grossa corda que cingia a vítima. O corpo caiu pesadamente no lagedo e o drama terminou. O enforcado estava morto, não lhe acudiram a tempo. Um minuto depois do meu grito o infeliz seria salvo.

O povo tem destes deslizes, fragilidades que custam caro a certas almas aflitas.

A biografia desse *paneiro*, vendedor ambulante de panos, era simples e emotiva. Tinha credores apressados, homens intolerantes que só confiam em si. Ele recorreu a um velho expediente: jogar na lotaria para pagar as suas dívidas. A sorte foi-lhe adversa. Aumentou o passivo. Recurso desesperado: agravou o mal com a compra de cautelas. Desesperado, apelou para o suicídio.

O suicídio nada remedeia, mas uma alma honesta, perseguida pe-

la desventura, líquida com a morte as suas dívidas...

Os sentimentais são lá raros perante a avalanche dos trampolinos da actualidade.

Regressei a S. Martinho do Porto e levei dez noites dormindo pouco. Sonhava muito e os sonhos traziam à minha presença o suicida, apoplético, disforme, de língua tracada... Aquela visão sinistra reaparecia-me sempre de noite, altas horas, a responsabilizar-me pelo seu monstruoso desfecho!

O padre Francisco Bernardo de Moraes, ao tempo meu professor, tinha com ele uma *ama*, nome seráfico que davam às serventes.

Pois essa rapariga ria à custa dos meus sonhos e pesadelos e, quando me via um tanto enfadado e colérico, ia à cosinha assar um naco de lombo de porco para me passar a cólera e o nervosismo... E passava-me!

Não há como uma rapariga nova para estas curas repentinas...

Não voltarei mais às Caldas, aos seus Museus, às suas históricas cavacas e às suas tromfas de ovos. Depois das Evas, são as frutas e os doces o que mais consola os homens.

As maçãs e peras de Alcaboça, metidas em calda, parecem-me dádivas celestes importadas do Paraíso!

Marcos Algarve

NOTÍCIAS DO ALGARVE

No limiar de mais um ano de vida, «Notícias do Algarve» agradece penhoradamente a todos os que contribuíram, colaboradores, anunciantes, assinantes e amigos, para a efectivação de mais um número Especial dedicado ao 6.º Aniversário.

Igualmente agradece-se as provas de amizade com que fomos distinguidos da parte de organismos oficiais e de muitos assinantes e colaboradores do «Notícias do Algarve».

Um véu de tristeza toldou momentaneamente a alegria do Aniversário, ao verificar-mos, constangidos, as *gralhas* que debicaram ferozmente o mesmo número, a todos os assinantes, colaboradores e amigos, pedimos desculpa do sucedido, prometendo de futuro uma mais cuidada revisão, e uma colaboração mais escolhida e um noticiário mais abundante.

PRIMEIRO POSTAL DE MADRID

(Conclusão da 1.ª página)

do-se mutuamente na defesa e para o engrandecimento da terra Pátria

Por toda a parte a presença de colmeias de labor organizado, atesta a linha ascendente do seu gráfico de produção e consumo que, como prova real de capacidade interna, eleva perante o Mundo a posição da Península.

E ao lado deste duro esforço, paralelo em legitimidade e conteúdo, a preocupação de manter vivas as características mais conhecidas pelo estrangeiro, a sua exuberante alegria, o culto pela emoção, pelo sol, pela música e por tudo quanto seja colorido e excitante.

Madrid, com os seus grandes costureiros mostra-nos também, nesses postais elegantes da Calle Serrano, que não necessita de Paris para vestir bem.

E, até a caixeirita dos seus grandes armazens, traduz o sentido certo dessa finesse.

Madrid, é sem dúvida, uma grande capital, digna desse País onde há homens de prestígio na história, na ciência, no teatro, na literatura, na música, na poesia e, nessa admirável força Divina que se chama Arte, bem viva nas salas longas e maravilhosas do Museu do Prado.

Júlio Padesca

Sempre que Lisboa canta...

(Conclusão da 1.ª página)

de balão, sapato alto e até brinca já com o pratinho de plástico que gira, gira no pauzinho milagroso!

Se eu fosse poeta, faria uma ode impregnada de beleza a esta Lisboa — mas não o sou. Sou um pobre mortal, e os poetas são imortais. Mas mesmo assim, de quando em quando, vejo Lisboa do alto do elevador de S. Justa, e quedo-me a olhar o formigueiro que corre sem parar a meus pés! Ali há o fado de todos os dias: um fado alegre ou um fado triste como António Botto os cantou em noites de desespero. E eu sei que a guitarra não tem acordes para acompanhar o fado de cada um; eu sei que naquelas risadas que ressoam através daquela multidão anónima há lágrimas de amargura. E quem as sente? Quem não as sabe definir? Talvez esta Lisboa que amanhece tristonha e pela tardinha nos dá

QUANTIDADES DE PESCADIAS EM 1958

(Conclusão da 1.ª página)

7.152 de cavala e 8.354 de outras espécies.

Em relação ao ano anterior, foram pescadas mais 29.979 toneladas de sardinha, sendo inferior, embora ligeiramente, a pesca do carapau, do chicharro e da cavala.

O preço médio da sardinha que, em 1950 era da \$380 por quilo, desceu a \$234 em 1954 e tendo subido a \$355 em 1955, voltou a preço mais baixo durante o ano de 1958, com \$28.

Visado pela Comissão de Censura

um sol bom e saudável que aquece pobres e ricos e os enlaça no mesmo abraço.

O fado, portanto, não tem já a cor que a Severa lhe deu ou com que o Malhoa o pintou. Visto das avenidas novas e compara-lo com o casario luxuoso, parece-nos que o fado vestiu casaco de relinças e pôs-lhe a pipoca: a geração trocou-o pelo «rock», e Lisboa também não quis-lhe ficar atrás. Rasgou avenidas através de ruas lamacentas; edificou arranha-céus em vez de albergar barracas inestéticas; varreu as ruas floruiu os canteiros de verdura.

E Alfama, Mouraria, o Bairro Alto?

Dizem os entendidos que ali sim, ali se encontra ainda o que Lisboa tem de castiço; não, não lhes damos razão. Até ali tudo foi alterado porque o progresso assim o quis — lembremo-nos que o fado ali é cantado com punhos de renda e pago por quem o quer ouvir, e o casario, embora o seja, já não tem aquele cunho típico que os turistas supõem encontrar.

Com a morte do velho Apolo, a Mouraria naufragou no modernismo; olhai, senhores, e dizei-me se serei derrotista. Olhai senhores, o silêncio da velha Alfama e do apregoado Bairro Alto — e dizei-me se serei derrotista. Não; é como se tivesse apagado o velho e desusado lampeão para dar lugar ao tubo fluorescente; é como se a Maria peixeira trocasse o avental pelo vestido de pregas; ou como o António da Bica tivesse trocado a onça de tabaco pelo cigarro de ponta de filtro e o bebado pedisse na taberna imunda um cálice de 1920.

Mas esta onda alterosa do modernismo não cobriu totalmente o todo desta Lisboa que se espriaia vaidosa por Alvalade; Areiro, para, ufano e sorridente, correr pelas avenidas magestosas com esplanadas convidativas e descansar no Parque Eduardo VII ou no Caramão da Ajuda; de quando em quando ela oferece-nos um ar gaiato. E essa graça reside ainda no tipismo das varinas, nos bairros tristes de casas inabitáveis; no choro convulsivo da criança sentada à soleira da porta; do homem dos gelados a cinquenta centavos; das vendedeiras que fogem rua a baixo frente à autoridade; da mulher que apregoa a fa-a-rica; e desse fado total e imenso que eu oiço do alto do elevador de S. Justa.

Talvez por isso mesmo eu não seja um poeta olheirante e de cabeleira escorrelta — porque através destas pedras da calçada por onde ressoam tamancos e sapatos, chinelas e alpargatas, eu pressinto o drama e a tragédia e julgo ouvir o fado de cada um.

E, por favor, não me chamem derrotista!

Emílio Valongo

MISCELÂNEA

UM professor checo divertiu-se em calcular as horas em que nasceram os 3.600 bebés em Praga nos últimos três meses. Nesta curiosa estatística destaca-se que mais de 2.000 bebés vieram ao mundo cerca das 3 horas da manhã.

Pelo visto é uma hora propícia para as cegonhas depositarem a sua carga preciosa através das chaminés.

UM europeu perdido na selva africana depara com um selvagem que lhe sorri, abraça-o e diz-lhe em tom carinhoso:

Demoraste tanto!  
Como?! Então conheces-me?  
Conheço...  
Quem sou?  
E's o meu almoço.

HAVIA na idade média, na igreja de Westminster, em Londres, um órgão cujas teclas só se podiam mover a murro. Tinha 400 canudos e eram precisas 70 pessoas para dar aos seus 26 foletes.

QUE diferença há entre o vinho e o conhaque? O vinho bebe-se durante as comidas e o conhaque durante as bebidas.

NÃO sabemos em que consiste a felicidade; mas sabemos que sem o saber se pode ser muito feliz.

ATRIBUÍDO Balanta, uma das muitas raças que povoam a Guiné Portuguesa, sustenta como obrigação a «Lei do Roubo», não guiados pelo lucro material que dali lhes possa advir, mas sim considerando-a Lei divina e social!

UM espanhol que levava um embrulho escondido debaixo da capa, perguntou um amigo:

Que levas tu aí?  
Um punhal.  
O amigo foi ver, e achou uma garrafa de vinho; bebeu-lhe o vinho, e dando-lhe a garrafa, disse-lhe:

Dá graças a Deus por eu te deixar a bainha.

PRIMEIRA cidade do mundo a ter iluminação pública foi Paris, em 1624.

MORTE também faz coisas boas. Por exemplo: as viúvas ricas.

NA vala comum só há duas classes sociais. A dos que levam dentes de ouro, e a dos que os levam furados.

Andas atrás da riqueza  
Não deitas contas à vida;  
Vem a morte leva tudo,  
Fica a riqueza perdida.

A Tragédia do «Natalia Rosa» e de um aventureiro de Olhão

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Napoleão, de todo o Portugal.

Pois agora sabe-se que o «Natalia Rosa» é uma embarcação de pesca de sacada, igual a tantas outras que junto à costa algarvia pescam dia a dia, e não portanto, um iate, conforme os tripulantes do petroleiro holandês comunicaram. Trata-se de um pequeno barco à vela sem motor, com pouco mais de 7 metros de comprimento. Pertencia a um pescador de Santa Luzia, no concelho de Tavira, e fora adquirido por um francês, para a pesca desportiva.

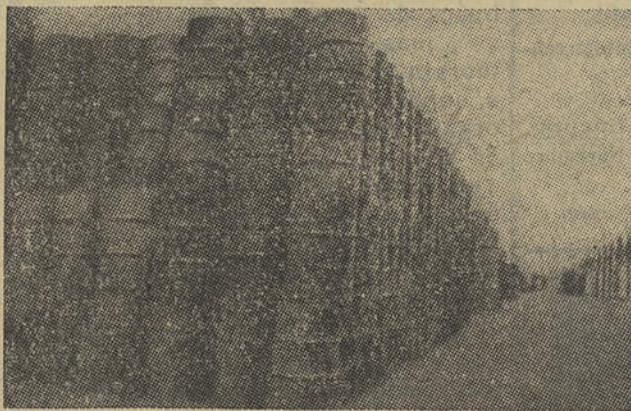
Mais tarde, José Belchior Rodrigues, «boxeur» e jogador de basquetebol, solteiro, de 50 anos, natural de Olhão e filho do comerciante da ilha da Culatra, José Belchior Rodrigues, mais conhecido pelo «Faz Gostos», dados os seus actos prestáveis para toda a gente do mar, comprou a embarcação já com sentido de empreender a sua temerária aventura. O Belchior era o «menino bonito» dos pais. No entanto, e apesar de namorar uma rapariga de boa família, passou a viver maritalmente com Felismina Inês Rosa, de 27 anos, natural da vizinha freguesia de Moncarapacho, moradora na ilha da Culatra. Com ela e na companhia de José Eduardo Guerreiro, também pescador e seu amigo de infância, partiu o José Belchior em fins de Setembro para Casablanca, no propósito de encontrar no Brasil tranquilidade que começava a faltar-lhe, devido à sua nova situação. Naquela cidade africana, os três navegadores fo-

ram alvo do ruidosa manifestação por parte da colónia portuguesa, pois num barco de tão precárias condições para grandes viagens já era proeza sensacional a travessia até ali. Pouco depois, o Belchior e os seus companheiros partiram para Dacar. Uma vez ali, as autoridades apreenderam a embarcação por falta de registo de propriedade, o que levou o Belchior durante meses a exhibir-se como «boxeur» para assim angariar o pão de cada dia. Entretanto, escrevia à família para que lhe fosse enviado o título de propriedade da embarcação. A família regularizou o assunto na Capitania, endereçando-lhe o documento. Assim, a 22 de Maio, o Belchior pôde partir de Dacar com destino ao Recife, apenas com alguns mantimentos e tendo por apetrechos náuticos uma única bússola, razão por que foi encontrado à deriva pelo petroleiro holandês. Está, portanto, esclarecido o mistério do «Natalia Rosa», que foi encontrado nas costas do Brasil.

As únicas dúvidas que subsistem é sobre a identidade do companheiro, pois há quem diga que não é o português José Guerreiro, mas sim um espanhol que o Belchior conheceu em Dacar, e que, como tinha conhecimentos de navegação, os acompanhou.

NOTÍCIAS DO ALGARVE  
VENDE-SE  
EM TODO O ALGARVE

A. SANTOS FÁBRICA DE BIDONS



Vende e compra bidons de ferro de todas as capacidades novos e usados, arame e sucatas

ARMAZÉM:

Estrada da Charneca, 69-LISBOA

Telefones: 05 83 84-05 84 32

CORRESPONDÊNCIA:

Av. General Roçadas, 69-LISBOA

Telefone: 84 39 08 — Telegramas: ANTOS